
MARQUES, Emília Margarida. *Os operários e as suas máquinas: usos sociais da técnica no trabalho vidreiro*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian: Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2009. (Coleção Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas). 452 p.

Ronaldo de Oliveira Corrêa
Universidade Federal do Paraná – Brasil

O livro é a publicação atualizada e corrigida da tese de doutorado da autora, defendida em 2003. O doutorado foi realizado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, orientado pelo Prof. Dr. Jorge Crespo, que escreveu o prefácio. Antropóloga vinculada ao Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), Emília Margarida Marques dedica-se aos temas da técnica e trabalho industrial, da materialidade e dos consumos, da memória social e da história da indústria vidreira da Marinha Grande, em Portugal. Seu estudo a respeito do patrimônio documental da Marinha Grande retoma sua participação na investigação coletiva e comparativa “Memória e identidades profissionais”, desenvolvida no Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa (FCSH-UNL).

O estudo toma como unidade de análise o trabalho na Indústria de Vidro da Marinha Grande. A partir de tal unidade, revela as condições que a indústria de vidro engendra na cultura, nos modos de vida e nas sensibilidades daquela sociedade operária. Por meio da pesquisa sobre o trabalho, os meios de produção vidreira e as narrativas dos operários, a antropologia reivindicada pela autora recai não na ontologia das coisas, mas nos usos sociais e na elaboração da ação, na constituição dos discursos e das relações que facilitam a construção de uma humanidade.

Marques situa sua questão na problematização da categoria trabalho, a partir da perspectiva de Marx – para quem o trabalho é elemento decisivo na constituição humana. Ela filia-se às pesquisas que tomam como tema a “tecnologia cultural” e, com isso, apropria-se da categoria de “meios elementares de ação sobre a matéria”, para assim estabelecer o diálogo entre a ação

humana e o mundo físico. Em função de suas solidariedades teóricas, a autora propõe uma hipótese em movimento, esta em consonância com a duração do tempo de mudança em que vivem os sujeitos sociais e suas ações no mundo físico via seu trabalho. Com tal estratégia, pretende deslocar a ideia de condicionamento – resíduo de uma perspectiva determinista – e problematizar a influência multiforme de um complexo de técnicas na vida dos operários de Marinha Grande. Isso mediado pela mudança e provisoriedade dos sentidos, que continuamente se modificam, principalmente, em face da automatização dos meios de produção e da transformação das cidades industriais.

Em meio a esse panorama a autora formula as seguintes questões:

[...] o que é conduzir uma máquina de produção? Entre a sofisticação da máquina e a sua dependência de um trabalho humano particular, como se constrói o lugar social dos condutores na fábrica? Que coisas sociais fazem os condutores com as suas máquinas? (p. 28).

O livro é dividido em sete capítulos; somados a esses, quatro anexos e um caderno de documentação fotográfica. No primeiro capítulo, “A máquina das perguntas”, a autora expõe a problematização do tema. Sua estratégia toma por base a retomada do projeto de pesquisa desenvolvido no Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa (FCSH-UNL) e a revisão bibliográfica sobre antropologia da técnica, em especial, aquela industrial. Seu interesse recai nos instrumentos de descrição e interpretação elaborados por autores como Mauss, sobre as técnicas corporais, e Lefebvre, sobre a reconstrução de cadeias operatórias. De forma geral, foi nos processos de aprendizagem e na produção simbólica/identitária associada ao trabalho que Marques detém sua atenção, ou, como ela mesma afirma, “nas máquinas e nos gestos” (p. 39). Suas aproximações com os estudos sobre as dimensões culturais contidas/incorporadas/desenvolvidas no âmbito do trabalho industrial e dos processos de industrialização têm como objetivo configurar de forma mais complexa o fenômeno industrial, isso a partir de suas generalidades e concretizações. Para isso, acompanha teórica e empiricamente os estudos sobre um tipo de etnotécnica em contextos interculturais.

O capítulo seguinte, “Matérias da antropologia”, é dedicado ao mapeamento de uma teoria da cultura material, com particular atenção à industrial. Na problematização, através da teoria antropológica, da noção de material e

materialidade, artefato e sentido, a autora recorre à argumentação informada por vários autores do campo da antropologia. Inicia ponderando sobre a perspectiva de autores que advogam pela impossibilidade de o artefato ser considerado documento. A partir das discussões sobre evolução/progresso, difusão e invenção, a autora nos familiariza com a perspectiva dos artefatos como dado e não como processo. Segue problematizando a necessidade, por parte de um tipo de ciência social, de negar a matéria para construir o social e retoma a presença dos artefatos como uma forma de chamar a atenção para a presença da “vida material”. De certo modo, ao trazer para o texto a forma, o som e os cheiros dos lugares vividos e os processos de fazer Marques nos evidencia que os artefatos e as técnicas, suas presenças sociais, possuem um percurso tenso no âmbito da disciplina antropológica.

Encerra esse capítulo com o propósito de retomar os ensinamentos sobre o material e os processos de fazer que ficaram em segundo plano na teoria antropológica. A autora nos chama de volta a uma antropologia econômica, que relê *Os argonautas do Pacífico Ocidental*, e a um materialismo cultural que pretende não ignorar as dimensões sociais da técnica. Nesse percurso que “reabilita” a teoria da cultura material, Marques problematiza a tecnologia cultural como uma forma de pensar uma articulação entre a concepção processual da técnica e a concepção relacional da sociedade. Isso, por ter em Mauss a base que fundamenta a ideia de técnica como algo realizado na relação e na prática cotidiana. Nesse conjunto de questões os usos (consumos) das técnicas e artefatos passam a ser outro tema que se incorpora à ideia de uma antropologia da técnica.

O terceiro capítulo, “Interrogações para uma antropologia das técnicas”, é dedicado à problematização da questão de pesquisa à luz dos pressupostos de uma antropologia da técnica. Para isso, a autora formaliza os conceitos de técnica, sistemas sociotécnicos, redes sociotécnicas, entre outros, e os converte em categorias de análise. Somado a isso, retoma conceitos como trabalho e poder, em um diálogo com os textos de Marx.

No capítulo “Na fábrica da Etnografia”, a autora apresenta o projeto de pesquisa. Reelabora teoricamente o campo a partir de sua entrada e chegada na fábrica, o trabalho dos operários e o seu trabalho, o espaço da fábrica em relação à Marinha Grande e o tempo de pesquisa e o de memória do trabalho e da vida. Conclui com uma proposta de modelo de análise que pretende estruturar ao longo dos demais capítulos e utilizar como estratégia interpretativa.

O capítulo “Do manual ao automático no vidro da Marinha Grande” caracteriza-se por ser aquele que informa ao leitor a localização no tempo e espaço da pesquisa. Aqui as temporalidades que constituem as histórias são narradas via revisão da literatura etnográfica e histórica sobre a Marinha Grande e sobre as fábricas de vidro. Ao modo de inserir o leitor no ambiente da fábrica, a autora apresenta as formas de fazer e aprender o trabalho, as estratégias para estabelecer as hierarquias e as mudanças que passaram a acontecer com a introdução de máquinas semiautomáticas na produção de vidro.

O “Caderno de documentação fotográfica” é encartado antes do capítulo “Conduzir a máquina, construir o trabalho”. Essa estratégia da autora tem por propósito trazer para o leitor as visualidades dos gestos e corpos, espaços e tempos narrados até aqui. A presença de imagens não é exclusiva desse capítulo; contudo, uma narrativa exclusivamente visual é apresentada ao leitor nesse momento. O capítulo que segue toma partido de diferentes estratégias narrativas, a saber: as imagens, os esquemas de operações, os manuais de equipamentos, os documentos administrativos e jurídicos de empresas, entre outros. Todavia, as narrativas dos operários tomam o capítulo e evidenciam o diálogo destes com a autora. Ainda, discute-se a consolidação de outra sensibilidade mais racionalizada e de acordo com os movimentos de automatização do trabalho. Por outro lado, evidenciam-se as escolhas que os operários demandam em função de suas representações sobre o trabalho, a técnica e os artefatos.

O último capítulo, de título “Usos sociais da matéria”, é o mais curto, e nele a autora reapresenta seu argumento. À luz de sua abordagem teórica e de seu campo ela retoma a ideia de coisas tangíveis para nos falar que a técnica e os artefatos de forma alguma estão dissociados de sua conflitiva interpretação. E finaliza ao afirmar que nesse contínuo movimento dos processos de fabrico o social é (re)construído.